



Relações de trabalho de profissionais autônomos (PJ) em comunicação de Porto Alegre

Introdução

Autora: Carina Kunze - Ciências Sociais/ Ufrgs - BIC CNPQ
Orientadora: Cinara Rosenfield

No contexto das mudanças no sistema capitalista, pós-período industrial de acumulação fordista e diante do novo paradigma tecnológico de produção da era da informação, vemos surgir novas formas de produção e de produtos, gerando diferentes postos e relações de trabalho. Com o estímulo político para a formalização dos trabalhadores autônomos no país a partir da constituição de Pessoa Jurídica, observamos exemplos de flexibilização, exploração, complexificação e também de fragmentação e individualização da classe trabalhadora. Porém, há profissionais que escolhem esta relação por melhor adaptarem sua metodologia de trabalho e melhor administrarem sua profissão frente a nova dinâmica do mercado. Na área da comunicação, jornalistas que cobrem notícias diárias, cineastas, fotógrafos, colunistas, artistas gráficos entre outros profissionais que cumprem os mais diferentes papéis, estão cada vez mais, por escolha ou necessidade, aderindo a este tipo de relação de trabalho, formal, porém sem vínculo salarial, com contrato por tempo determinado. Neste sentido, a relação do profissional da comunicação com o mercado de trabalho mudou no Brasil desde os anos 90, com o aumento dos trabalhadores freelancer's e a partir da promulgação da Lei do Bem em 2005, que estimula a prestação de serviço individual intelectual, inserindo o trabalhador em um contrato baseado não na CLT, mas no Código Civil. Esta realidade de expansão do trabalho autônomo no jornalismo também está ligada ao desenvolvimento tecnológico das mídias de comunicação, que permitem ao jornalista realizar suas atividades de onde estiverem com um dispositivo multifuncional que cabe no seu bolso. Jornalistas são prestadores de serviço intelectual, produzem um trabalho imaterial, intangível, muitas vezes apenas para mídias digitais. Na categoria é grande a existência de profissionais autônomos formalizados que desempenham as mais diversas funções, muitos contratados para trabalhar apenas em determinados projetos ou eventos, sem relação contratual permanente com a fonte empregadora. Profissionais qualificados, com curso superior e que optaram, ou de alguma outra forma foram introduzidos nesta relação de trabalho.

Objetivos

Esta pesquisa busca identificar e compreender as relações de trabalho que envolvem o trabalhador autônomo formalizado da área da comunicação, verificando como e por que os profissionais autônomos jornalistas optaram ou não por esta relação de trabalho, quais as formas de controle existentes em sua dinâmica de trabalho e se este trabalho tem flexibilidade positiva ou negativa em relação aos indicadores utilizados.

Dimensões de análise

Forma de Ingresso no Trabalho Autônomo/ Motivação

Formas de Inserção no Mercado

Formas de Vínculo

Forma de Remuneração

Relação Hierárquica: relação com colegas e com seu contratante.

Autonomia de Conteúdo: da parcela de criação sobre o que é produzido a partir da demanda do contratante.

Autonomia Operacional: do tempo, cronograma de trabalho e da forma como é realizado.

Metodologia

Entrevistas semi estruturadas, gravadas e transcritas, com profissionais da área do jornalismo, autônomos e formalizados como pessoa jurídica em Porto Alegre/RS. O roteiro de questões da pesquisa exploratória realizada com quatro profissionais de quatro diferentes segmentos na área de comunicação (notícias, cinema, fotografia e coluna de opinião) em 2013 compreendeu questões em que são analisadas a dinâmica de trabalho, a motivação e a forma de ingresso no trabalho autônomo, as formas de inserção no mercado, de remuneração, de vínculo de trabalho, de relação com contratante e seus pares, seus horários, organização de trabalho, tempo livre, condições e ferramentas de trabalho.

Resultados parciais

O trabalhador autônomo tem de ser um empreendedor de si mesmo, responsável por sua própria produção, autopromoção, equipamentos, local de trabalho, entre outros, arcando com os custos de contribuição para a previdência, plano de saúde, o que gera certa insegurança. Existe um movimento de incentivo do Estado e das empresas para o crescimento dessa relação de trabalho. Há aqueles que escolheram esta forma de trabalho por motivos como a busca pelo reconhecimento individual, pela autoexpressão através da criação e autorealização no trabalho. Estes se mostram mais dinâmicos e, habituados à instabilidade, encontram no trabalho autônomo uma forma de realização de ideias e projetos pessoais, recebendo bem para isso, com o bônus da autonomia sobre seu tempo e seu processo de trabalho. Porém, também vemos exemplos de exploração, de vínculo do tipo "CLT disfarçado" e de fragmentação e individualização dos trabalhadores. Apesar das facilidades, o desenvolvimento das ferramentas de trabalho do jornalista também têm consequências negativas, já que muitos dos grandes veículos de comunicação têm cada vez mais contratado para suas redações apenas um profissional, como PJ, para cumprir múltiplas tarefas, sobrecarregando o trabalhador em diversos aspectos e diminuindo a qualidade do trabalho. Muitas empresas de comunicação se utilizam dessa possibilidade para burlar leis trabalhistas, colocando o trabalhador à margem dos direitos garantidos pela CLT, como fundo de garantia e seguro desemprego, além de tornar a classe cada vez mais fragmentada.